



ATIVISMO JUVENIL E OS NOVÍSSIMOS MOVIMENTOS SOCIAIS: O MOVIMENTO MASSA CRÍTICA (MC) COMO SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO POLÍTICA CONTEMPORÂNEA EM PORTO ALEGRE (2010-2014)

YOUTH ACTIVISM AND THE 'NEW NEW SOCIAL MOVEMENTS': THE CRITICAL MASS MOVEMENTS THE MEANING OF CONTEMPORARY POLITICAL EXPRESSION IN PORTO ALEGRE (2010-2014)

 Cristiano Lange dos Santos¹

Doutor em Direito

Programa de Pós-graduação em Direito (PPGD) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

cristiano.advg@gmail.com

Resumo: O tema da pesquisa é a participação juvenil com enfoque no ativismo e movimentos sociais. O objetivo geral é examinar como a participação da juventude interfere na implementação de políticas de mobilidade urbana por bicicleta. O problema da pesquisa é: que fatores legais e políticos estão levando ao descompasso entre as demandas de participação, presentes no ativismo juvenil, com relação ao direito à cidade, e à inclusão da mobilidade urbana por bicicleta nas políticas públicas? As técnicas de pesquisa utilizadas foram bibliográficas, documental e de campo. Na pesquisa de campo entrevistou-se vinte jovens ativistas em mobilidade urbana por bicicleta. Pode-se concluir que os novíssimos movimentos sociais, compostos majoritariamente por jovens, querem autonomia no seu agir político, não se vinculando a estruturas institucionais tradicionais, preferindo atuar em espaços não convencionais e com Ações Diretas (AD), por sua capacidade de controle, de não delegação e representatividade.

Palavras-chave: juventudes; ativismo; novíssimos movimentos sociais.

Abstract: The theme of the article is youth participation with a focus on activism and social movements. The general objective is to examine how youth participation interferes in the implementation of public policies for urban mobility by bicycle. The problem is based on the question: what legal and political factors are leading to the mismatch between the demands of participation in youth activism in relation to the right to the city and the inclusion of urban mobility by bicycle in public policies? The research techniques used were bibliographic, documentary and field. In the field research, twenty young urban bicycle activists. In conclusion, I was observed that the new new movement social, composed mostly of young people, want autonomy in their political action, not being linked to traditional institutional structures, preferring to act in unconventional forms and with Direct Actions (DA), due to their ability to control, of non-delegation and representativeness.

Keywords: youth; activism; new social movements.

Para citar – ABNT NBR 6023:2018

SANTOS, Cristiano Lange. Ativismo juvenil e os novíssimos movimentos sociais: o movimento Massa Crítica (MC) como significado da expressão política contemporânea em Porto Alegre (2010-2014). *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 19-32, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v21n2.22886>.

¹ Bolsa de financiamento pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

1 Introdução

O tema da pesquisa é a participação juvenil com enfoque no ativismo e movimentos sociais. Dessa maneira, o objetivo geral da pesquisa é examinar como a participação da juventude interfere na implementação de políticas de mobilidade urbana, por bicicleta no Município de Porto Alegre.

O problema da pesquisa é: que fatores legais e políticos estão levando ao descompasso entre as demandas de participação, presentes no ativismo juvenil com relação ao direito à cidade, e à inclusão da mobilidade urbana por bicicleta nas políticas públicas?

Busca-se com isso refletir a participação das juventudes no contemporâneo, tendo em vista que se construiu equivocadamente a concepção, de que os jovens são apáticos, despolitizados e desinteressados, especialmente sobre a política e as decisões do bem comum. (KOZEL, 1996; SCHMIDT, 2001; CASTRO, 2008; ANDUIZA, BOSCH, 2012; OKADO, RIBEIRO, 2015)

A reivindicação das juventudes também tem sido um tema recorrente de debate, no início do século XXI, uma vez que ganha novas formas, ainda mais complexas e dinâmicas, de ação política por conta dos avanços trazidos pelo advento das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs), que permitem a interação constante e respostas instantâneas entre seus atores.

Nesse sentido, torna-se necessário investigar os novos padrões de participação política, apontando os processos emancipatórios construídos pelos próprios jovens. Em especial, o movimento Massa Crítica (MC), de Porto Alegre, composto majoritariamente por jovens, pelas características que apresenta, se enquadram como novíssimos movimentos sociais frente às condições de ação política, eminentemente interativa e comunicativa entre os participantes.

A pesquisa ocorreu a partir de revisão bibliográfica, investigação documental e entrevistas realizadas com vinte jovens ativistas (18-29 anos) sobre o seu fazer político, ativismo e como eles intervêm na política, com o fim de alcançar seus objetivos.

2 Os movimentos sociais e as juventudes: os jovens em movimento no espaço público

O mundo contemporâneo tem se transformado constantemente de maneira acelerada, afetando as mais diversas esferas da vida e produzindo um forte impacto na produção da subjetividade, especialmente dos jovens que, diante da fase de transição no decorrer do seu desenvolvimento, vivem tempos de indefinições e incertezas.

Os movimentos sociais têm contribuído para as constantes reconstruções organizativas e reivindicativas de direitos e demandas na contemporaneidade. (MELUCCI, 2001; CASTELLS, 2012)

Historicamente a juventude sempre participou dos movimentos sociais. Mas, a partir da

metade do século XX, o jovem definitivamente irrompe à esfera política, passando de sujeitos passivos e invisíveis nos processos de mobilização, a sujeitos que protagonizaram rebeliões, ganhando protagonismo no espaço público. Pode-se mencionar os casos de Berkeley (1964), Paris, Roma, Praga e México (1968), os mais conhecidos dessa mobilização juvenil.

Os movimentos sociais representam fenômenos complexos, que envolvem a capacidade da ação coletiva para promover mudanças, e apresentar soluções e alternativas às questões específicas que julgam inadequadas. Trata-se, portanto, de atores políticos que buscam as mudanças que a sociedade exige e quer vê-las modificadas.

Tratam-se de estruturas associativistas com práticas muito distintas, que se caracterizam por formas de atuação, intervenção e estratégias de protesto e reivindicação, normalmente voltadas contra o Estado, portanto, anti-institucionais ou não-institucionais.

Nessa perspectiva, evidencia-se que os movimentos sociais se apresentam com maior liberdade na construção organizacional, não se limitando, em tese, a estruturas fechadas e institucionalizadas para promover a modernização das ações.

Os velhos movimentos sociais, iniciados no século XIX, até a metade do século XX, acompanharam o desenvolvimento da Revolução Industrial, tendo sua ação no limite territorial do Estado-Nação, salvo algumas exceções em relação à pauta obreira.

Ademais, apresentam-se com demandas muito específicas, objetivando melhorar as condições de vida e de trabalho. A forma de ação com maior visibilidade eram as greves e manifestações, além das micro resistências nas fábricas, cidades e universidades e, em situações muito especiais, se pôde fazer uso até da violência para alcançar seus objetivos. (ROMANÍ, 2003)

Já os Novos Movimentos Sociais (NMS), surgidos após a segunda guerra, superaram as pautas da disputa capital *versus* trabalho, buscando garantir novos direitos, assim como introduzindo novas questões específicas, empenhados na qualidade de vida e nos direitos humanos.

Nessa perspectiva, as reivindicações pleiteadas pelos Novos Movimentos Sociais (NMS), estão direcionadas contra o Estado, de forma que ele tinha – e continuou a ter - papel central como garantidor de direitos e formulador de políticas sociais. Estes movimentos tinham como repertório os protestos político-culturais, pleiteando a existência de outras relações de poder, relacionados à concretização dos direitos civis e de modelos de democracia direta.

O que distingue os velhos movimentos sociais dos Novos Movimentos Sociais (NMS) é sua forma de organização, considerada mais livre em relação à anterior e, também o encaminhamento das lutas, ao optar por estratégias com maior visibilidade e repertório variado.

Os Novos Movimentos Sociais (NMS) se abrem à novas formas de representação de inte-

resses nas democracias, ao privilegiarem a heterogeneidade socioeconômica em detrimento da homogeneidade econômica. Nesta perspectiva, Feixa, Costa e Saura (2002) ressaltam a potência desses movimentos diante do seu poder auto organizativo.

Esse elemento caracteriza-se pela eliminação da ideia de representação, uma vez que seu poder é gerado pela mobilização, a partir da auto-organização individual e pessoal dos seus participantes.

Contudo, no século XXI, observa-se novas configurações políticas que se expressam de formas distintas, interconectadas em redes, compostas por pequenos grupos e com múltiplas conexões globais, capazes de construir discursos e compartilhá-los massivamente, pelas redes digitais aos mais distintos lugares.

De acordo com Castells (2012), passou-se de uma lógica de ação coletiva tradicional para uma lógica de ação conectiva, na medida em que as recentes mobilizações estão baseadas em estruturas e formas de organização menos rígidas e com características bem específicas e construídas a partir das redes sociais virtuais.

Desta forma, os novíssimos movimentos sociais não podem ser equiparados aos velhos e Novos Movimentos Sociais (NMS), uma vez que se contextualizam em realidades distintas, momentos históricos e experiências diferentes, pois possuem repertórios e pautas diferenciadas se comparadas às demais categorias de ação coletiva.

A Era Informacional (Castells, 2001), trazida na virada do milênio, redesenhou as formas de ação coletiva, em um contexto de coexistência entre estratégias e formas de ação política, reflexas e organizadas em redes globais, apresentando-se com novos conteúdos e características.

Trata-se de outros contextos históricos e sociais, que guardam dúvidas e incertezas sobre o futuro da ação coletiva. Por essa razão, há uma enorme dificuldade de aplicação de parâmetros de análise a esses movimentos - com identidades, organização e formas de ação completamente distintos dos movimentos anteriores.

Os jovens da geração Y mobilizaram-se para lutar contra o processo de globalização do capital financeiro, constituindo novas expressões da ação coletiva de movimentos sociais: os novíssimos movimentos sociais. Nasce assim, a luta anticapitalista no aspecto global, não mais se limitando a fronteiras e às limitações geográficas do Estado-Nação, que se denominaram movimentos sociais globais, anti ou alterglobalização. (GOHN, 2013)

Juris, Pereira e Feixa (2012, p. 25) abordam o surgimento dos novíssimos movimentos sociais, utilizando-os no plural, haja vista, sua heterogeneidade de ações e práticas, até então inovadoras e criativas.

El surgimiento de los ‘novísimos’ movimientos sociales en los primeros años del siglo XXI está asociado con el surgimiento de nuevos modos de activismo colectivo en una era de redes globales y de ciberculturas juveniles: luchas intergeneracionales, trans-sexuales y que atraviesan las clases, dando lugar a otro actor social más: el ‘yo yo’ ‘adultescente’ basado en el síndrome del ‘Replicante’: el joven que está entre el conservadurismo de Blade Runner y la resistencia del androide.

A participação dos jovens nesses movimentos sociais se constituiu um elemento chave para as mudanças que aconteciam na virada do milênio, não apenas por serem pioneiros na cultura digital e no espaço de fluxo de informações, mas especialmente por se moverem entre fronteiras nacionais e sociais e viverem as conexões transnacionais na luta contra o sistema capitalista. (JURIS, PEREIRA, FEIXA, 2012, p. 25)

Verifica-se que a mudança de escala da ação coletiva perpassa do âmbito nacional para o âmbito global, redimensionando o foco da ação coletiva, descentralizando-a do Estado – que antes era o antagonista principal - para centrar-se nos organismos multilaterais e na influência da opinião pública global.

Los novísimos movimientos sociales emergen en un espacio virtual - internet - y se sitúan en un tiempo-gozne (temps-frontissa) – el año 2000 -, entre las transformaciones y conflictos sociales que acompañan la consolidación del capitalismo informacional. (ROMANI, 2003, p. 19)

Destaque-se, nesse sentido, que apesar do fenômeno da globalização dimensionar as lutas no aspecto macro, global e transnacional, para além das fronteiras do Estado-Nação, o que ocorreu foi exatamente o fortalecimento das dimensões locais, territorializando-se as lutas e demandas em um aspecto regionalizado. (REGUILLO, 2012; VOMMARO, 2015)

Denota-se haver um processo simultâneo de expansão e, ao mesmo tempo, de contração das fronteiras globais, a partir da globalização e da Era Informacional, na medida em que a penetração do global interfere diretamente no âmbito local, transformando o sistema econômico, social e cultural.

Os novíssimos movimentos sociais, são movimentos com um ciclo de mobilização muito intenso e dinâmico, pois não possuem programas nem pautas, bem delimitadas e definidas, caracterizando-se, na maioria das vezes, pela reclamação de condições específicas, sem conter um sentido determinado.

Os recentes movimentos de rede, organizados na sua maioria por jovens - Primavera Árabe, Occupy, #YoSoy132, 15M e as jornadas de junho, mencionando-se somente os mais visíveis, em

razão da sua repercussão midiática, reacenderam a esperança transformadora no poder de mobilização que os jovens carregam consigo.

Cabe registrar que os novíssimos movimentos sociais preferem formas não convencionais de ação política, conflitando, por sua vez, com alguns valores dominantes, como a organização de Ação Direta (AD), tendo em vista sua repercussão, na medida em que causam maior impacto entre a população.

A estratégia política central desses movimentos é alcançar a maior visibilidade possível, com as ações por eles organizadas, fazendo-se repercutir as pautas nas suas *mass mídias*, com as quais desejam potencializar, ganhando mais adeptos.

Algumas dessas estratégias, previstas no repertório dos novíssimos movimentos sociais, foram e têm sido constantemente criminalizadas pelos meios de comunicação, porque adotam estratégias mais agressivas, sendo caracterizadas como movimentos violentos, anarquistas e baderneiros.

Estas micro resistências também são reproduzidas, multiplicando-se nos espaços virtuais, ganhando adeptos e potencializando ainda mais o efeito de espetacularização que é potencializado pela formulação estética dos novíssimos movimentos sociais.

Observa-se que, além da novidade tecnológica, as mobilizações mais recentes foram baseadas em estruturas e formas de organização menos rígidas, mais fluídas e, nem por isso, menos desorganizadas. A adesão de jovens se realiza em torno de bandeiras e causas constituídas, a partir de temas que os afetam, direta ou indiretamente, e não, de acordo com ideologias tradicionais ou instituições convencionais.

Observa-se também, que muitas das estratégias dos novíssimos movimentos sociais não são novas, mas ganham outra roupagem, pois se utilizam de ferramentas de Tecnologia de Comunicação e Informação (TICs), para incentivar sua promoção e serem capazes de potencializar a ação coletiva.

3 Novíssimos movimentos sociais e juventudes: a Massa Crítica (MC) como significado da expressão política contemporânea em Porto Alegre

Massa Crítica (MC) ou bicicletada é “a forma de se denominar aquilo que é muitas vezes definido como uma ‘coincidência organizada’, na qual ciclistas se encontram num certo ponto da cidade e dali saem em grupo pela cidade.” (ZÜGE JUNIOR, 2015, p. 28)

Já a Massa Crítica, segundo seus próprios atores, é definida como uma “celebração para quebrar a monotonia, mecanicidade e agressividade do trânsito urbano, levando alegria e outros elementos mais humanos – braços, pernas e rostos – ao asfalto.” (MASSA CRÍTICA, 2018)

O objetivo do movimento Massa Crítica (MC) é problematizar o uso do carro na sociedade capitalista e suas repercussões ambientais nas cidades, assim como rediscutir o uso do espaço urbano, questionando a desigualdade de tratamento dada pelos Poderes Públicos, em relação ao automóvel.

Nesse sentido, os jovens se auto organizam à sua maneira e, de acordo com a sua linguagem, para contestar criativamente nas ruas e nas redes virtuais, o modelo centrado na perspectiva do transporte individual motorizado – a qual denominam de cultura rodoviária - com o propósito de interferir na política urbana, com o fim de democratizar o uso das ruas.

Embora a maioria dos seus participantes não estejam inseridos no campo da política convencional - associados a partidos políticos, sindicatos ou instituições representativas - o movimento Massa Crítica (MC) se caracteriza como um movimento político, na concepção ampla do fazer política.

Trata-se de movimento, que apresenta pautas reivindicatórias e se move no espaço público, reclamando demandas contra o Estado, sem vincular-se a ele, atuando autonomamente até mesmo, em relação aos demais movimentos sociais.

Registre-se que o Massa Crítica (MC) não possui, em tese, representantes, líderes nem porta-vozes, que se manifestem em nome do movimento, haja vista apresentar a horizontalidade, como uma característica essencial da sua estrutura.

A horizontalidade do movimento representa a ausência de hierarquia entre os participantes, de maneira que, qualquer pessoa que o integre possa questionar, divergir ou até desrespeitar códigos entre eles, enfatizando a dimensão da liberdade, e que acaba por criar um sentimento de solidariedade muito maior entre os participantes, por estarem todos na mesma posição entre eles e frente ao movimento.

Subirats (2015) associa a horizontalidade e o compartilhamento das decisões do movimento, como elemento contrário à hierarquia – valor rejeitado e em completo desuso pelas novas gerações - que se estrutura, desde a colaboração entre os participantes, pois possuem objetivos em comuns.

Desse modo, Castells (2012) os denomina de *movimientos sin líderes*, explicando não faltar candidatos em potencial, mas em razão de existir uma profunda e espontânea desconfiança entre os participantes, em relação a qualquer forma de delegação.

Essa característica é resultado imediato do rechaço dos representantes políticos pelos representados, ao sentirem-se traídos e manipulados em sua experiência com a política habitual. Por esse motivo, esses jovens preferem formas de participação mais diretas, acessíveis e interativas, eliminando a intermediação ou a delegação. (CASTELLS, 2012)

Nesse aspecto, a ausência de líderes permite a interação direta entre todos os atores, expõe a sua negação ao modelo hierárquico tradicional, o que, por sua vez, acaba por potencializar o ativismo de quem tem interesse em participar, independentemente da intensidade e da quantidade.

Neste contexto, Monterde (2011), ao abordar a horizontalidade, destaca que ela potencializa a auto-organização e a cooperação entre os corpos, denominando-a de multiplicação horizontal da autoformação.

Nesse caso, é interessante destacar o discurso engendrado pelo próprio movimento Massa Crítica (MC) sobre a sua ideia de horizontalidade e de liberdade: “Ela não tem uma voz. Ela tem tantas vozes quanto participantes. Cada um é livre para levar a manifestação ou a reivindicação que quiser.” (MASSA CRÍTICA, [s.p])

Essa característica pressupõe algumas repercussões, com dimensões negativas e positivas, acerca da atuação do movimento Massa Crítica (MC). Se, por um lado, a dimensão positiva está centrada no fato de constituir certa unidade no movimento, ao equiparar todos os participantes em iguais direitos de ação e fala, espera-se também a corresponsabilidade, fortalecendo a ideia de conjunto coletivo e pertencimento entre os mesmos. Por outro, a dimensão negativa apresenta seus limites, na ausência de um programa bem definido pelo movimento, uma vez que dificulta uma organização mais consistente a ser alcançada a longo prazo, com o fim de avançar em demandas mais complexas ou com articulações mais duradouras.

Por conseguinte, Castells (2012), nesse aspecto, também os caracteriza por raramente serem movimentos programáticos, frente à ausência de propósitos delineados e planejados no tempo e no espaço. Essa explicação se sustenta, em razão da ausência de uma unidade ideológica que os interconecte suficientemente, para prolongar-se no tempo-espaço.

Antes de pertencer a um movimento específico, o jovem é o próprio movimento, pois sua fala, sua ação e suas expectativas podem ser realizadas independentemente do todo. O slogan do movimento Massa Crítica (MC) reforça a ideia de solidariedade e auto-organização: “Todos somos o trânsito”.

Associado ao elemento da horizontalidade, apresenta-se numa estrutura de descentralização do movimento, uma vez que a ausência de líderes ou representantes significa que, cada participante é responsável, única e exclusivamente, por si e ao mesmo tempo por todos. Constitui-se um elo de solidariedade muito forte entre os participantes, ajudando-se mutuamente durante o percurso da bicicletada.

A escolha do trajeto, no qual o movimento vai percorrer pelas ruas da cidade pode ser citado como exemplo prático da característica da horizontalidade, na medida em que, qualquer participante pode sugerir e, em caso de mais de uma sugestão, a decisão é realizada em consenso

ou no voto entre todos os participantes.

Essa prática permite maior participação no movimento, assim como desperta o senso interativo entre todos os integrantes que interagem na ação coletiva.

A estrutura descentralizada maximiza as chances de participação no movimento, já que ele é constituído de redes abertas, sem fronteiras definidas, sempre se reconfigurando, segundo o nível de envolvimento da população em geral. (CASTELLS, 2012)

Já a autonomia é a possibilidade de o movimento ser independente de estruturas, mobilizando-se e definindo-se, conforme as deliberações tomadas pelos seus membros. Foi possível verificar, pelas respostas dos jovens entrevistados, de que não querem transferir seus desejos, sonhos e expectativas a representantes ou delegatários, pois preferem fazê-lo pessoalmente, na perspectiva da política do ato, em que o jovem “vai lá e faz.”

Nesse aspecto, cabe ressaltar a posição de A. (jovem entrevistado) para quem: “Eu acho que o caminho são os movimentos, algo não institucional, de ação direta de na prática assim.”

Da mesma forma, cabe ressaltar que o movimento Massa Crítica (MC) foi desenvolvido e mobilizado, a partir das redes sociais, permitindo uma atuação política nos espaços da internet, agrupando e reunindo pessoas, que se identificam e se interessam pelas causas em jogo.

O movimento Massa Crítica (MC) quer divulgar e comunicar suas demandas, e sua estratégia de ganhar visibilidade, ou seja, é parar o trânsito, causando a interrupção do fluxo de automóveis, assim como entoando cânticos, interagindo com as pessoas durante o trajeto, ao entregar-lhes um panfleto ou até mesmo as convidando para participar da bicicletada.

A estratégia do movimento Massa Crítica (MC) é ser visualizado pela população, enquanto se desloca pelas ruas da cidade com a finalidade de transmitir sua mensagem de luta, chamando a atenção em razão da sua estética lúdica, bem-humorada e divertida.

Contudo, a maior visibilidade que o movimento Massa Crítica (MC) de Porto Alegre teve, ocorreu por conta de um episódio negativo: o atropelamento coletivo. A imagem do atropelamento coletivo – filmada por um dos participantes - percorreu o planeta, sendo noticiado pelos mais distintos canais de televisão do mundo e tendo tido, até o momento, mais de um milhão e oitocentos mil acessos no canal YouTube.

A partir do episódio do atropelamento coletivo, gerou-se um interesse acerca do movimento e suas formas de ação política, irradiando-se inúmeras iniciativas sobre a mobilidade por bicicleta, para incluir a pauta na agenda pública do Município de Porto Alegre.

O movimento Massa Crítica (MC), desde então, ganhou muita visibilidade, transformando a indignação em ação propositiva, fortalecendo-se e atraindo cada vez mais participantes, além de se tornar referência na pauta de mobilidade urbana na cidade de Porto Alegre.

Houve, portanto, uma apropriação das ferramentas tecnológicas em rede pelo movimento, para tornar-se visível e ganhar espaço midiático, com o fim de divulgar suas pautas. Essas novas formas de ação, baseadas em modelos de representação nas redes sociais (Facebook, Instagram, *WhatsApp*, blogues coletivos e páginas virtuais), e fundadas na criatividade e na liberdade de expressão, são elementos que caracterizam a ação coletiva do movimento Massa Crítica (MC). Memes e expressões denunciando situações na área da mobilidade urbana, democracia e na gestão da cidade, foram objeto de compartilhamento pelos participantes, conseguindo politizar esses temas de forma irônica, lúdica e ao mesmo tempo crítica.

Outra característica é a renovação do uso da Ação Direta (AD), como um repertório de ação coletiva muito utilizado pelo movimento Massa Crítica (MC), na medida em que se aproxima a prática da ação, sem mediações ou interferências institucionais. Exemplo recorrente é a colocação de *ghost bike* (bicicleta fantasma ou branca), como elemento simbólico, nos locais onde há a morte de um ciclista no âmbito urbano.

As Ações Diretas (AD) são elementos que indicam a renovação de práticas interventivas, capazes de estabelecer um ciclo virtuoso de atitudes sustentáveis, igualitárias e democráticas entre os jovens.

Com base na prática da sua estrutura de organização, o incentivo ao uso da bicicleta, de forma individual ou coletiva, por parte do movimento Massa Crítica (MC), apresenta-se como uma nova forma de sociabilidade, uso, ocupação e circulação pelos espaços públicos da cidade.

Na perspectiva de as ações terem mais impacto para ganharem visibilidade, a ocupação é uma estratégia muito eficaz, haja vista, que se apropria da rua, como espaço comum e elemento integrativo da cidade. Nesse sentido, a ação do movimento Massa Crítica (MC) em pedalar na rua, simboliza o desejo de retomar esse espaço como público, já que foi indevidamente apropriado pelos modais motorizados, invertendo-se a compreensão da cidade como espaço de encontro.

Perguntados se haviam participado de atos ou eventos, construídos com a finalidade de causar algum transtorno para chamar a atenção e ganhar visibilidade à causa, dezessete dos vinte entrevistados responderam que sim, o que evidencia a forma de fazer política.

E aqui apresenta-se mais uma característica do movimento Massa Crítica (MC), que é a alta capacidade de inovação e criatividade, com doses de ironia, alegria e teatralidade.

Essa característica é o que se denomina *happenings*, enquanto movimento politicamente criativo, que objetiva as pessoas saírem de suas rotinas e dos papéis que representam no cotidiano. (GUARNACCIA, 2015; SHIRKY, 2012)

A estratégia de descentralização, celebração e não-violência dos *happenings* dificulta as estra-

tégias policiais, que não estão acostumados a manifestações sem protesto, sem agressividade, provocativa e descontraída.

Vale, nesse sentido, mencionar que a ação reivindicatória, insurgente e contestatória demonstra que o movimento Massa Crítica (MC), em linguagem e estética própria, incentiva cada vez mais a participação do jovem, com a finalidade de transformar a realidade da mobilidade urbana.

Com base nesses aspectos, observa-se que o movimento Massa Crítica (MC) se enquadra na categoria dos novíssimos movimentos sociais, pois trazem a novidade tecnológica das redes sociais, fusionando-se em formas e estruturas de organização menos rígidas, sem líderes e com base na horizontalidade, apresentando-se os elementos caracterizadores trazidos por Castells (2012), Subirats (2015) e JURIS et al (2012).

4 Conclusão

O problema da pesquisa foi: que fatores legais e políticos estão levando ao descompasso entre as demandas de participação, presentes no ativismo juvenil com relação ao direito à cidade, e à inclusão da mobilidade urbana por bicicleta nas políticas públicas?

Evidencia-se o desencontro da política convencional, com as expressões não-convencionais do fazer político.

A desconfiança nos partidos e nas instituições construída, em torno dos valores e interesses de outra época, consolida a construção de novas ferramentas e novos atores políticos, que não na representatividade, capaz de transformar instituições e práticas políticas horizontais.

Passa-se de uma perspectiva centrada na ação coletiva, para uma perspectiva centrada, exclusivamente, na ação “conectiva”, em que as redes sociais se tornaram ferramentas estratégicas de mobilização e organização, em defesa de um objetivo.

Observa-se despontar novos formatos de expressões políticas, baseadas em participações políticas mais fluidas e flexíveis, por parte das novas gerações e fundadas em contextos de socialização, que se articulam a partir das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs).

Verificou-se que há um reposicionamento das ações políticas dos jovens em áreas não convencionais, especialmente, no âmbito digital, que são espaços públicos inovadores, menos controlados e vigiados, se comparados aos demais espaços de participação convencional.

Nesse sentido, é importante reconhecer o significado que os novíssimos movimentos sociais trazem para as novas gerações, tendo em vista que eles preferem se engajar em ações políticas interativas e acessíveis, com perfil mais direto eliminando qualquer intermediação existente.

Além do mais, as características dos novíssimos movimentos sociais, relativo à horizonta-

lidade - movimentos sem líderes - liberdade em participar quando desejarem, faz com que o interesse na participação seja maior por parte das juventudes.

Como os novíssimos movimentos sociais não tem forma específica de pertencer, qualquer forma de participar, seja promovendo uma ideia, seja integrando uma pedalada, os faz se sentir parte do movimento.

As novas gerações (Y e Z) estão sedentas por participar, mas seu fazer político é operado de forma distinta, ao que se tem como tradicional e apresentando-se na diversidade que as expressões políticas podem assumir no cotidiano, vindo a se traduzir no ativismo pelas redes sociais, compartilhando documentos, imagens ou simplesmente dividindo sua insatisfação a projetos contrários às causas mobilizadoras.

Vale dizer que as juventudes operam silenciosamente na esfera da micropolítica, conectando-se, quando entenderem oportuno à macropolítica, que é vinculada a forma convencional de participação nas instituições democráticas.

Além do mais, a construção do estereótipo da apatia e o desinteresse das juventudes pela ação política parece ter ficado no passado.

Referências

ALVARADO, Sara Victoria; GÓMEZ, Ariel Humberto; LEÓN, María Cristina Sánchez. *Jóvenes y participación política en el mundo contemporáneo: de la apatía a la antipatía por modos hegemónicos de vida.* (Org. VOMMARO, Pablo; ALVARADO, Sara Victoria) p. 227-252. In: En busca de las condiciones juveniles latinoamericanas, Manizales, 2015.

ANDUIZA, Eva; BOSCH, Agustí. *Comportamiento político y electoral.* Barcelona: Ciencias Sociales Ariel, 2012.

ANDUIZA, Eva; CANTIJOCH, Marta; GALLEGO, Aina; SALCEDO, Jorge. *Internet y participación política en España.* Colección «Opiniones Y Actitudes», Núm. 63. Centro de Investigaciones Sociológicas - CIS, mai, 2010. Disponível em: <<http://www.cis.es/cis/export/sites/default/-Archivos/Publicaciones/OyA/OyA63e.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

BAQUERO, Marcelo. BAQUERO, Rute. Novos padrões de participação política dos jovens na democracia brasileira? In: *Em Debate - Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral.* Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 19-25, nov. 2012.

BENEDICTO, Jorge. La ciudadanía juvenil: Un enfoque basado en las experiencias vitales de los jóvenes. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14 (2), 2016, pp. 925-938.

BORELLI, Silvia Helena Simões; ROCHA, Rose de Melo; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves; LARA, Marcos Rodrigues de. Jovens urbanos: ações estético-culturais e novas práticas políticas. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Manizales, vol. 7, núm. 1, (jan-jun), 2009, pp. 375-392.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignación y esperanza*. Los movimientos sociales em la era de internet. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

CASTRO, Lucia Rabello de. Participação política e juventude: do mal estar à responsabilização frente ao destino comum. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 253-268, jun, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/13910>. Acesso em: 16 set. 2016.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 25, n. 2, mai-ago, 2010, p. 185-204. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estado/article/view/2710>. Acesso em: 07 de set. 2017.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e as redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GUARNACCIA, Matteo. *Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

IBARRA, Pedro; TEJERINA, Benjamín. *Los movimientos sociales*. Transformaciones políticas y cambio social. Madri: Editorial Trotta, 1998.

KOZEL, Andrés. Los jóvenes y la política. Modulaciones de un escepticismo general. p. 195 - 220, *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTERDE, Arnau. *La potencia de la cooperación en la plaza global*. In: Democracia distribuída. miradas de la universidad nómada al 15 M. p. 38-42. Madrid, 2011. Disponível em: <www.trasversales.net/ddun15m.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

OKADO, Toshiaki Archangelo; RIBEIRO, Ednaldo Aparecido. Condição juvenil e a participação política no Brasil. *Paraná Eleitoral: revista brasileira de direito eleitoral e ciência política*, Curitiba, v. 4, n., p. 53-78 (2015). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/pe/article/view/42810>. Acesso em: 11 nov. 2016.

REGUILLO, Rossana. *Culturas juveniles*. Formas políticas del desencanto. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.

REGUILLO, Rossana. *Paisajes insurrectos*. Jóvenes, redes y revueltas en el otoño civilizatorio. Barcelona: NED Ediciones, 2017.

ROMANÍ, Oriol. Los nuevos movimientos sociales como formas de intervención social. (Coord.) ROCA, Josep Rodríguez; VAREA José Manuel Alonso. In: *Repensar la intervención social: los escenarios actuales y futuros*. Barcelona: Ediciones Gráficas Rey, 2003. p. 18 – 29.

SANTOS, Cristiano Lange dos Santos. Participação política e ativismo: o fazer político das juventudes no século XXI. *Direito & Paz*, Lorena, Ano XIII, n. 42, p. 213-229, jan-jun, 2020. Disponível em: <https://revista.unisal.br/lo/index.php/direitoepaz/article/view/1219> Acesso em: 10 dez. 2022.

SANTOS, Cristiano Lange dos Santos. *Políticas públicas e participação juvenil: o cicloativismo em favor da mobilidade urbana e do direito à cidade em Porto Alegre (2010-2014)*, 2019. 300 f. Tese (Doutorado em Direito) – Curso de Pós-Graduação em Direito, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/2413> Acesso em: 10 dez. 2022.

SCHMIDT, João Pedro. *Juventude e política no Brasil – A socialização política dos jovens na virada do milênio*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação*. Criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SOUSA, Janice Tirelli Pontes de. *Reinvenções da utopia*. A militância política dos jovens dos anos 90. São Paulo: Hackers Editora/ FAPESP, 1999.

SUBIRATS, Joan. *Ya nada será lo mismo*: Los efectos del cambio tecnológico em la política, los partidos y el activismo juvenil. Madrid: Centro Reina Sofia sobre Adolescencia y Juventud & Telefónica, 2015. Disponível em: <https://igop.uab.cat/2015/07/24/ya-nada-sera-lo-mismo/>. Acesso em: 6 out. 2017.

SUBIRATS, Joan. *Otra sociedad, ¿otra política?* De «no nos representan» a la democracia de lo común. Barcelona: Icaria, 2011.

VALDÉS, Carolina Álvarez; SOTOMAYOR, Antonia Garcés. (2017). La construcción de generación en los discursos juveniles del Chile actual. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 15 (2), p. 991-1004, 2017. Disponível em: www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v15n2/v15n2a14.pdf. Acesso em: 22 fev. 2018.

VOMMARO, Pablo Ariel. La disputa por lo público en América Latina. Las juventudes en las protestas y en la construcción de lo común. *Nueva Sociedad*, n. 251, mai-jun, p. 55-69, 2014. Disponível em: <http://nuso.org/articulo/la-disputa-por-lo-publico-en-america-latina-las-juventudes-en-las-protestas-y-en-la-construccion-de-lo-comun/>>. Acesso em: 11 mai. 2018.